





CADERNO DE
RESUMOS
2023

FAU USP 4º
PPG AU SEMINÁRIO EM
HISTÓRIA E
FUNDAMENTOS DA
ARQUITETURA E DO
URBANISMO
/ DOUTORADO

COMISSÃO ORGANIZADORA

BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO (COORDENAÇÃO)
HUGO SEGAWA
IVO GIROTO
LUCIANO MIGLIACCIO
RENATA MARTINS

ADRIANO JOSÉ DE SOUSA
ALLAN PEDRO SILVA
ANA BEATRIZ NESTLEHNER CARDOSO DE ALMEIDA
BEATRIZ BARSOUMIAN DE CARVALHO
CHRISTIAN MASCARENHAS
DANIELA COSTA DORNFELD SALDANHA
DEBORAH SANDES DE ALMEIDA
EDUARDO VERRI LOPES
GABRIELA TIE NAGOYA TAMARI
JULIANA SILVA RAMOS
LEANDRO LEÃO
LUCAS CHICONI BALTEIRO
LUIZ DE LUCCA NETO
MATHEUS BONINI MACHADO
RENAN ALEX TREFT
THAIS MONTANARI

COMISSÃO CIENTÍFICA

BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO
HUGO SEGAWA
IVO GIROTO
LUCIANO MIGLIACCIO
RENATA MARTINS

CONFERENCISTA INTERNACIONAL

RUI LEÃO

ARQUITETO E URBANISTA, PHD EM ARQUITETURA
PRESIDENTE DO CONSELHO INTERNACIONAL DOS ARQUITECTOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA (CIALP)
PRESIDENTE DO DOCOMOMO MACAU

APRESENTAÇÃO

A pesquisa em História da Arquitetura e do Urbanismo protagoniza nas últimas décadas uma crescente ampliação de suas premissas teóricas, conceituais e temáticas no Brasil e na América Latina, bem como suas relações com o cenário mundial.

Dentro desse quadro, a Área de Concentração em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo tem procurado avaliar as suas proposições e refletir sobre a estruturação de suas três linhas de pesquisa:

1. Memória, Práticas e Representações
2. Cultura, Produção Material e Instituições
3. Estética, Historiografia e Crítica

As linhas têm a intenção de investigar a produção da Arquitetura, do Urbanismo e suas articulações com a história da arte, da técnica, do patrimônio, da paisagem, da cidade e da habitação e suas diversas interfaces com a sociedade e a cultura.

Os seminários em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo se consolidam como um espaço de reflexão e auto reflexão sobre os interesses, tendências e caminhos que as pesquisas da Área representam no conjunto de investigações no Programa de Pós-graduação da FAU, e frente ao panorama dos conhecimentos da disciplina no Brasil. Devem constituir um palco de interlocuções no qual as pesquisas discentes formam o núcleo de debates com a comunhão de pesquisadores, orientadores e a comunidade acadêmica. É um instante e um lugar em que o caminhar das pesquisas pode encontrar um ponto de reflexão e inflexão para além da solidão dos pesquisadores em seu percurso rumo ao coroamento de seus esforços.

A irrupção da COVID-19 castigou e desorganizou o mundo. A rotina de pesquisadores se transtornou e as pós-graduações obviamente não escaparam do desastre. A Universidade de São Paulo compreendeu as vicissitudes do momento e aderiu à contingência de estender os rigorosos prazos para desenvolvimento e conclusão das investigações pós-graduadas.

No âmbito da pós-graduação da FAU USP, Interrompeu-se a sequência dos seminários da Área, previstos para que anualmente e alternadamente, pesquisadores de mestrado e doutorado tenham um lugar aberto de interlocução, para além da formalidade técnica e da solitude do exame de qualificação. Ao retomar o seminário – de doutorado, respeitando a alternância da prática adotada –, sua organização acolheu os doutorandos ingressos entre 2017 a 2020, que tenham se qualificado até o prazo para inscrição, de modo a permitir o desenho do evento.

De forma alguma a retomada do seminário, após dois anos de suspensão, compensará o prejuízo da pandemia. Sua retomada é um ensejo de reconquistar uma normalidade perdida, que talvez adquira uma configuração ainda não completamente apreendida. Possivelmente o seminário poderá ajudar a delinear no pós-pandemia os novos rumos para a pós-graduação da FAUUSP.

SUMÁRIO E PROGRAMAÇÃO

20.06

09H00 — 10H00 **MESA DE ABERTURA DO SEMINÁRIO**
EDUARDO NOBRE CPG, **DENISE DUARTE** CCP-AU, **HUGO SEGAWA** E **BEATRIZ BUENO**

10H — 12H **MESA 1**
ESTRATÉGIAS PROFISSIONAIS E PROJETUAIS

COMENTADOR: **PAULO BRUNA** FAUUSP
MODERADOR: **ALLAN PEDRO DOS SANTOS**

- 12 **MÔNICA MASCARENHAS GRANER** / *GIANCARLO DE CARLO E O ILA&UD: UMA ESCOLA ITINERANTE PARA ALÉM DA ARQUITETURA*
- 12 **RODRIGO VAN ENCK CENTINI** / *EVIDENCIAÇÕES DA INTENÇÃO NA ARQUITETURA SOB O (RE)ENCONTRO DA OBRA COM O ESBOÇO: O CASO DE ÁLVARO SIZA VIEIRA*
- 13 **FÁBIO DOMINGOS BATISTA** / *BIOGRAFIA ARQUITETÔNICA DE RUBENS MEISTER*
- 13 **GABRIELA TIE NAGOYA TAMARI** / *PAISAGISMO: CAMPO, GÊNERO E PRÁTICA*

14H—16H **MESA 2**
TEORIAS, HISTORIOGRAFIA, TRANSCULTURAÇÕES

COMENTADOR: **RODRIGO BASTOS** UFSC, PÓS-DOCTORANDO FAUUSP
MODERADOR: **CHRISTIAN MASCARENHAS**

- 14** **SUZIE FERREIRA DO NASCIMENTO** / *ESTUDO ACERCA DAS TEORIAS SOBRE VONTADE NO CONTEXTO GERMÂNICO OITOCENTISTA, UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE SOBRE O MATERIALISMO DE GOTTFRIED SEMPER: FUNDAMENTOS MÍTICOS DA TEORIA DO REVESTIMENTO*
- 14** **BRUNO SCHIAVO** / *ESPAÇO, CORPO E MOVIMENTO: AUGUST SCHMARSOW E A HISTORIOGRAFIA DA ARTE EM LÍNGUA ALEMÃ NA PASSAGEM PARA O SÉCULO 20*
- 15** **DANIELA COSTA DORNFELD SALDANHA** / *OS ALUNOS BRASILEIROS DE EUGÈNE GRASSET E A RECEPÇÃO DA CULTURA ART NOUVEAU NO BRASIL*
- 15** **MARINA RODRIGUES AMADO** / *CARLOS EKMAN E O ECLETISMO PAULISTANO*

16H15 — 18H **MESA 3**
PATRIMÔNIO, DOCUMENTAÇÃO E MUSEOLOGIA

COMENTADOR: **RENÉ LOMMEZ GOMES** UFMG, PÓS-DOCTORANDO FAUUSP / FAPESP JP2
MODERADOR: **MATEUS NUNES** PÓS-DOCTORANDO FAUUSP / FAPESP JP2

- 16** **JOSÉ RAMIRO TELES BESERRA** / *SEARÁ-GRANDE, A GENEBRA DOS SERTÕES: UMA PAISAGEM BARROCA TRANSLITERADA NA CIRCULAÇÃO DE JESUÍTAS, FLAMENGOS E LUSOS*
- 16** **RENATA CIMA CAMPIOTTO** / *TÉCNICAS DE DOCUMENTAÇÃO, LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO: O CASO DO MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO*
- 17** **ELEONORA BASCHERINI** / *MUSEOLOGIA E DIDÁTICA DO PRIMEIRO MASP*

21.06

09H — 10H45 **MESA 4**

PLANEJAMENTO E POLÍTICAS URBANAS EM DIFERENTES ESCALAS

COMENTADORA: **MARIA CRISTINA LEME** FAUUSP

MODERADORA: **DEBORAH SANDES DE ALMEIDA**

- 18** **KAUÊ FELIPE PAIVA** / *PRESTES MAIA E O PLANEJAMENTO MACRORREGIONAL*
- 18** **MARLON RÚBIO LONGO** / *PLANO, REDE E PROJETO URBANO: PROPOSTAS DE REESTRUTURAÇÃO URBANA E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO*
- 19** **VANESSA FERNANDES CORREA** / *NEGOCIANDO O PRISMA PURO: O EMBATE PELO EDIFÍCIO ALTO MODERNO EM SÃO PAULO NOS ANOS DE 1940 E 1950*

11H — 12H45 **MESA 5**

GÊNERO, PRÁTICAS SOCIAIS E CULTURA MATERIAL

COMENTADOR: **ANA GABRIELA GODINHO LIMA** FAU-UPM

MODERADOR: **EDUARDO VERRI LOPES**

- 20** **PEDRO BERESIN SCHLEDER FERREIRA** / *A CASA DO “HOMEM DE BEM”: MASCULINIDADE, “CIVILIZAÇÃO” E DOMESTICIDADE (1870-1920)*
- 20** **CLARISSA DE ALMEIDA PAULILLO** / *CUIDAR, SERVIR E APARTAR OS ESPAÇOS DE SERVIÇOS NOS PROJETOS DE HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO (1930-1970)*
- 21** **STEPHANIE SILVEIRA GUERRA DE ANDRADE** / *CIDADE, MODA E TRABALHO FEMININO: COSTUREIRAS EM SÃO PAULO A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX*

14H30 — 16H30 **MESA 6**
HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E POLÍTICAS EM SEUS TEMPOS

COMENTADOR: **ABÍLIO GUERRA** FAU-UPM

MODERADORA: **BEATRIZ BARSOUMIAN DE CARVALHO**

22

GUSTAVO DE ALMEIDA SAMPAIO / MODERNISMO, POLÍTICA E PROPAGANDA: AS ARQUITETURAS DAS EXPOSIÇÕES NACIONAIS FASCISTAS E GETULISTAS

22

VICTOR PIEDADE DE PROSPERO / ARQUITETURA E DITADURA: O CAMPO DA ARQUITETURA EM SÃO PAULO NA CONSTRUÇÃO DO REGIME MILITAR (1964-1979)

23

EDUARDO VERRI LOPES / MORADIA INCREMENTAL E HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA NA AMÉRICA LATINA

23

MICHEL HOOG CHAUI DO VALE / ARQUITETURA, EDUCAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO: CIEPS E FÁBRICA DE ESCOLAS, RESCALDO DO PROJETO DESENVOLVIMENTISTA BRASILEIRO

17H **CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO**
RUI LEÃO MACAU

DEFLECTIONS

KETSUVIUS

MESA 1 ESTRATÉGIAS PROFISSIONAIS E PROJETUAIS

MÔNICA GRANER

Orientador
Luiz Recamán

RODRIGO VAN ENCK CENTINI

Orientador
Rodrigo Cristiano Queiroz

GIANCARLO DE CARLO E O ILA&UD UMA ESCOLA ITINERANTE PARA ALÉM DA ARQUITETURA

A partir de 1950 houve na Europa e nas Américas uma reavaliação do ensino da disciplina arquitetônica em ressonância à reconstrução das cidades do pós-guerra, implantados dentro e por iniciativa das próprias instituições (universidades, fundações etc.) e outros que ocorreram à margem e no limite do *status quo*. É o caso da presente pesquisa que explora a experiência de ensino do ILA&UD (International Laboratory of Architecture and Urban Design) - fundado em 1976 por Giancarlo De Carlo (1919-2005) e por ele dirigido até 2002, concomitante às crises do Movimento Moderno. Tratou-se de um experimento educacional decorrente da associação livre e internacional de escolas de arquitetura cujo interesse era pesquisar processos e metodologias de projetos. A escola carrega a herança das escolas de verão dos CIAM's e dos encontros do Team X, porém de colaboração ampliada, convocando a participação de outros agentes além do arquiteto, criando ferramentas e impingindo ao laboratório um caráter não só científico, mas também de resistência. Sua relevância se dá pelo longo período de sua existência (27 anos), pela originalidade dos temas abordados em confronto com a formação de práticas pós-modernas e pela sua natureza itinerante em contextos de alta qualidade patrimonial (Urbino, Siena, San Marino e Veneza). A tese tem como hipótese que o ILA&UD foi uma estratégia engendrada por GDC para salvaguardar, difundir e superar o valor da arquitetura enquanto marco civilizatório preservando as premissas humanas e sociais preconizadas pelo Movimento Moderno. Como resultado, se pretende uma contribuição historiográfica para os novos paradigmas espaciais de projetos e intervenções urbanas, consolidando as contribuições de Giancarlo De Carlo e do ILA&UD para a história da arquitetura e de seu ensino.

Palavras-chave: Giancarlo De Carlo; ILA&UD; Ensino da arquitetura.

EVIDENCIAÇÕES DA INTENÇÃO NA ARQUITETURA SOB O (RE)ENCONTRO DA OBRA COM O ESBOÇO: O CASO DE ÁLVARO SIZA VIEIRA

Esta pesquisa reflete sobre a relação - sob o âmbito da intencionalidade para Edmund Husserl - entre o esboço arquitetônico, enquanto projeção de um objeto continuamente imaginado, e o edifício, como etapa final deste processo projetual. Para tanto, baseio o raciocínio na fenomenologia husserliana - que coloca definitivamente a relação sujeito-objeto como a base da percepção. Adentramos então no método criativo do arquiteto português Álvaro Siza Vieira, que ao imaginar evidências, desenha seu entorno, sua imaginação e suas intenções. Enfim, projeta com base na intencionalidade - como um fenômeno da ordem da "expressão" e da "representação", que sempre visa algo. Buscaremos na fenomenologia, na psicologia da percepção visual, na antropologia e na aproximação com certos pensamentos da teoria da imagem e da forma, instrumentos que possibilitem a análise da intenção no esboço do arquiteto, e suas reverberações na obra acabada. Para alcançar tal feito, esta análise deverá ser aprofundada no uso de vasto material iconográfico inédito, que vem sendo disponibilizado de modo online e para consulta física através do trabalho de três instituições: o Museu Serralves (Porto), a Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa) e o Canadian Centre for Architecture (Montreal). Bem como nas visitas às obras construídas relacionadas a este material, realizadas em abril de 2022. Entrevistas com Siza e/ou seus colaboradores são desejáveis e podem ocorrer até o fim dos trabalhos. Por fim, esta pesquisa subentende ainda a revalorização do uso dos recursos gráficos característicos da prática do esboço, para o processo criativo na arquitetura. E, por consequência, a valorização do próprio objeto esboço enquanto aparição artística representativa da intencionalidade do arquiteto.

Palavras-chave: Intencionalidade; Esboço; Álvaro Siza Vieira.

MESA 1 ESTRATÉGIAS PROFISSIONAIS E PROJETUAIS

**FÁBIO DOMINGOS
BATISTA****Orientador**
Hugo Segawa**GABRIELA TIE
NAGOYA TAMARI****Orientadora**
Joana Mello de
Carvalho e Silva**BIOGRAFIA ARQUITETÔNICA DE
RUBENS MEISTER**

Estudo sobre a trajetória do arquiteto Rubens Meister (1922-2009), engenheiro formado pela Universidade do Paraná em 1947. Sendo desconhecido no plano nacional, foi um dos relevantes autores da arquitetura moderna brasileira. Em Curitiba, são de sua autoria o Teatro Guaíra, o Centro Politécnico, o Auditório da Reitoria da UFPR, a Prefeitura, o Sesc da Esquina e a Rodoferroviária, entre outras. Sua produção soma cerca de 450 projetos, muitos construídos. No Paraná ele é autor da Sede da Itaipu Binacional e da Vila dos Engenheiros (Foz do Iguaçu), do Centro de Treinamento do Magistério (Curitiba), da Igreja de Nossa Senhora Aparecida (Rio Negro); em Santa Catarina a Rodoviária e a Expoville (Joinville), a Igreja Santa Inês (Balneário Camboriú), o Escritório e o Refeitório da Eletromotores WEG (Jaraguá do Sul), entre outras, e obras no Rio Grande do Sul e São Paulo, configurando-se, em alguns casos, como marcos urbanos. Seu trabalho perpassa por diversas tipologias e escalas; essas criações permanecem ignoradas mesmo no ambiente profissional e acadêmico paranaense. A revisão da sua produção entre 1943 e 1997 é de grande relevância para posicioná-lo na historiografia da arquitetura moderna nacional. Pretende-se com esta pesquisa trazer a luz a complexidade do seu ato de projetar, sua metodologia e revelar as suas referências frente aos seus contemporâneos. A intenção é provar, a partir de estudos de casos pouco explorados e inéditos, que Meister é singular entre os arquitetos brasileiros, ao se debruçar em temas variados como indústrias, teatros, cine auditórios, escolas, reciclagem de edifício histórico, igrejas e hospitais e alguns poucos convencionais, como obras para hidrelétricas, além de projetos mais recorrentes, como residências, edificações comerciais e corporativas. A partir desta análise será possível posicionar Rubens Meister no cenário nacional e comprovar a importância da sua obra para a historiografia da arquitetura e do urbanismo.

Palavras-chave: Rubens Meister; Arquitetura Moderna; Paraná.

PAISAGISMO: CAMPO, GÊNERO E PRÁTICA

A intenção desta pesquisa é estudar a trajetória da primeira geração de arquitetas paisagistas formadas na faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, entre 1948 e 1967, levando-se em conta a perspectiva de gênero.

Assumimos como hipótese que, em meados do século XX, algumas áreas da arquitetura possibilitaram uma maior inserção das mulheres em seus quadros profissionais, pois eram menos permeados por disputa de gêneros e mais abertos à entrada de novas personagens – à suas falas, preocupações e outros modos de atuar –, afirmando-se como um espaço de prática feminina (e feminista). Cogitamos, portanto, que esta primeira geração de mulheres formadas arquitetas encontrou um espaço possível de atuação e de destaque em disciplinas em construção, menos estabelecidas, nas quais não predominava a figura masculina. Dentre essas disciplinas, o paisagismo incorporou muitas dessas arquitetas recém-formadas e possibilitou o desenvolvimento de suas atividades profissionais.

Teremos como fios condutores da pesquisa as trajetórias das arquitetas paisagistas Rosa Grena Alembick Kliass (1932-) e Miranda Maria Esmeralda Martinelli Magnoli (1932-2017), duas figuras proeminentes que são reconhecidas como as responsáveis pela estruturação do campo a partir da prática projetual e do desenvolvimento da área acadêmica, respectivamente. Assim, pretendemos construir uma biografia coletiva, vinculando as trajetórias profissionais dessas arquitetas e de suas parceiras e colaboradoras à história institucional dos espaços que ocuparam, observando suas dinâmicas em seus grupos sociais e redes de sociabilidade, criando elementos para novas abordagens e para uma revisão teórico-metodológica do lugar dessas mulheres na história da arquitetura em São Paulo. Mais além, pretendemos avaliar o possível papel desenvolvido por essas personagens para a conformação do campo do paisagismo na cidade.

Palavras-chave: Paisagismo; Gênero; Prática Profissional.

SUZIE FERREIRA DO NASCIMENTO

Orientadora
Andrea Buchidid
Loewen

ESTUDO ACERCA DAS TEORIAS SOBRE VONTADE NO CONTEXTO GERMÂNICO OITOCENTISTA, UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE SOBRE O MATERIALISMO DE GOTTFRIED SEMPER: FUNDAMENTOS MÍTICOS DA TEORIA DO REVESTIMENTO

Gottfried Semper foi arquiteto renomado no século XIX, além de autor de um dos mais extensos manuais de estética prática de todas as épocas. A fortuna crítica da sua obra escrita, no entanto, acabou sendo influenciada pelo fervor dos materialistas. Uma das mais conhecidas, é a do revestimento, na qual Semper sustenta que os primeiros divisores de espaço foram produto da técnica têxtil. Como as paredes são o lugar preferencial para as primeiras manifestações artísticas, a consequência seria a de que os ornamentos teriam que surgir primeiramente na trama têxtil. O impacto dessa posição foi marcante. Riegl, historiador austríaco do mesmo século, espantava-se de que, durante quase três décadas, todos os estudiosos do tema permaneciam buscando pelas origens técnicas dos ornamentos geométricos, sem, contudo, compreender em que bases se assentava a teoria semperiana. Passados mais de 150 anos, ainda há quem se refira a Semper como materialista em função desses eventos. Este trabalho, ambiciona se unir àqueles que refutam esse epíteto, e o modo de fazê-lo será explorando os mitos aos quais Semper recorreu para conceber sua teoria. O arquiteto assumia que a origem das civilizações se encontrava às margens do Eufrates, de maneira que os mitos fundantes daqueles povos podem ser considerados fontes preciosas de informação para este fim. Serão abordadas as narrativas mosaicas e também as dos povos assírios. O objetivo principal é ressaltar aqueles aspectos das narrativas, que se mostram adequados ao pensamento de Semper sobre a costura. A intenção é demonstrar que, se para Semper a costura aparece primeiramente no Éden, não há nenhuma outra técnica que possa antecede-la, da mesma maneira que, somente por meio da sacralidade da costura, determinados simbolismos poderiam aderir ao templo pela via do revestimento. Deste modo, a costura não justificaria uma origem técnica para os ornamentos, mas seria o seu caminho para o sagrado.

Palavras-chave: Semper; Revestimento; Pentateuco.

BRUNO SCHIAVO

Orientador
José Tavares Correia
de Lira

ESPAÇO, CORPO E MOVIMENTO: AUGUST SCHMAROW E A HISTORIOGRAFIA DA ARTE EM LÍNGUA ALEMÃ NA PASSAGEM PARA O SÉCULO 20

A presente pesquisa tem como objeto a obra teórica do historiador de arte e arquitetura alemão August Hannibal Schmarsow (1853-1936), tomando como referência especialmente seu texto “A essência da criação arquitetônica”, núcleo mais reconhecido de suas reflexões. Partindo de uma tradução deste escrito, o trabalho busca circunscrever as investigações do autor em relação às de seus contemporâneos, determinar a singularidade do seu pensamento e avaliar sua relevância histórica para as teorias modernas e contemporâneas da arquitetura. Nosso estudo está inserido no período formativo e de consolidação da história da arte enquanto disciplina emergente do sistema científico de língua alemã da passagem do século 19 ao 20. Característicos do período são os esforços pela criação de novos métodos de análise da forma, seja com ênfase na comparação, na sua gênese ou na sua percepção; pela definição das particularidades de cada uma das artes a constituírem seus respectivos conceitos de autonomia; pela avaliação de correspondências entre a obra, o estilo e o devir artístico em relação ao “espírito do tempo”; pela elaboração dos pontos de contato entre a _Kunstwissenschaft_, a ciência histórica da arte, e outros campos disciplinares que se especializavam no mesmo momento, como a antropologia e a psicologia. Tais desenvolvimentos seriam operativos sobre a própria configuração da arquitetura e das artes em geral no alvorecer dos movimentos modernos e influentes sobre as obras de historiadores e teóricos ao longo do século 20. Nesse contexto, o emprego de abordagens, questões e categorias compartilhadas configurava um campo de debates através do qual delineava-se uma atualização disciplinar quanto a seus pressupostos conceituais e procedimentos historiográficos.

Palavras-chave: Historiografia; Espaço; Autonomia.

MESA 2 TEORIAS, HISTORIOGRAFIA, TRANSCULTURAÇÕES

**DANIELA COSTA
DORNFELD SALDANHA****Orientador**
Luciano Migliaccio**MARINA RODRIGUES
AMADO****Orientadora**
Mônica Junqueira
de Camargo**OS ALUNOS BRASILEIROS DE EUGÈNE GRASSET E A
RECEPÇÃO DA CULTURA ART NOUVEAU NO BRASIL**

A pesquisa tem como objeto de estudo os alunos brasileiros do franco-suíço Eugène Grasset (1845-1917), durante temporada em Paris, no início do século XX. Grasset ensinava *Desenho da Arte Industrial e Composição Decorativa*, na École Guérin ou *École Normale de Dessin* ou *École spéciale de professeurs de dessin*, fundada em 1881 pelo arquiteto *Alphonse-Théodore Guérin* (1857-?). Inicialmente, pretende-se analisar os apontamentos das aulas pelos alunos Georgina de Albuquerque (1885-1962), Lucílio de Albuquerque (1887-1939) e Eliseu D'Angelo Visconti (1866-1944), durante o período em que estudaram em Paris. Em um segundo momento, a análise de sua aplicação ao lecionarem na Escola Nacional de Belas Artes, no caso dos dois primeiros, e na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, no caso de Eliseu Visconti. Trata-se de avaliar o quanto o conteúdo aprendido com o representante do início do Art Nouveau, teria contribuído para modificar os seus processos de ensino e a produção de seus alunos. A hipótese seria de que durante o período, muitas das transformações nas artes decorativas teriam ocorrido em função da atuação dos artistas brasileiros citados, baseadas nas lições de Grasset. Para alcançar este propósito, serão estudadas as bibliografias e fontes documentais disponíveis nos acervos existentes, e as fontes primárias do Museu Nacional de Belas Artes, Midiateca Araújo Porto Alegre, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes da UFRJ, Museu D. João VI, Escola Politécnica da UFRJ, Biblioteca Nacional, Biblioteca da FAUUSP e o acervo de Eugène Grasset, no Museu D'Orsay.

Palavras-chave: Artes decorativas; Escola Nacional de Belas Artes.

CARLOS EKMAN E O ECLETISMO PAULISTANO

O arquiteto de origem sueca Carlos Ekman mudou-se definitivamente para São Paulo em 1894, aqui atuando por quarenta anos, em três fases distintas: na sociedade com o alemão Augusto Fried (entre 1894 e 1900), como autônomo (entre 1900 e 1923) e como sócio de Sylvio Jaguaribe Ekman, seu filho (de 1923 a 1934). Consagrou-se na historiografia da arquitetura brasileira em função de sua vinculação com o estilo Art Nouveau, com destaque para o edifício da Vila Penteado, de 1902. Tal aspecto, no entanto, não é suficiente para dar conta da dimensão de seu trabalho e acaba por ignorar, justamente, o que tem de mais rico e interessante: suas abordagens ecléticas da arquitetura. Acredita-se que a prática de Ekman no enfrentamento dos projetos que lhe foram solicitados (ou que fez para si próprio) privilegiava a experimentação, levando-o a uma atividade profissional que, tomada em conjunto, apresenta-se complexa, criativa, inovadora e em constante transformação – do ponto de vista dos debates acerca das soluções técnicas, programáticas e/ou estético-formais nas quais se insere. O doutorado propõe-se, então, investigar a biografia e a obra completa deste arquiteto, abrangendo sua formação, trânsitos, redes sociais e referências culturais, tomando como base um inventário de seus projetos na cidade de São Paulo, que foi sistematizado a partir da catalogação e análise de fontes primárias provenientes de acervos públicos e privados (como a Coleção de Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal, a Coleção Carlos Ekman da Seção Técnica de Materiais Iconográficos da Biblioteca da FAUUSP, e acervos dos descendentes do arquiteto). A pesquisa explora as experiências – e as ousadias – de Carlos Ekman que compõem o universo amplo e variado das manifestações do ecletismo na capital paulista, destacando sua contribuição para a cultura arquitetônica local e trazendo novos aspectos sobre o tema para o debate historiográfico.

Palavras-chave: Ecletismo na arquitetura; Ekman, Carlos (1866-1940); São Paulo.

MESA 3 PATRIMÔNIO, DOCUMENTAÇÃO E MUSEOLOGIA

**JOSÉ RAMIRO
TELES BESERRA**

Orientadora
Beatriz Piccolotto
Siqueira Bueno

**RENATA CIMA
CAMPIOTTO**

Orientadora
Beatriz Mugayar
Kühl

SEARÁ-GRANDE, A GENEBRA DOS SERTÕES: UMA PAISAGEM BARROCA TRANSLITERADA NA CIRCULAÇÃO DE JESUÍTAS, FLAMENGOS E LUSOS.

No Brasil, os estudos de historiografia da arte e arquitetura religiosa barroca, estiveram restritos aos exemplares edificados nos ricos e grandes centros da administração colonial. Alheada, a arte e arquitetura religiosa dos Sertões do Norte, dormitaram veladas aos olhares estudiosos, o que se verifica facilmente pela quase completa inexistência de bibliografia relativa ao recorte geográfico em questão. Trata-se de uma arquitetura híbrida, cunhada na síntese de diversos fatores de ordem social, econômica e geográfica. Sua existência e relevância precisam ser reveladas e proclamadas justamente por sua singularidade, vinculada aos principais fatores genitivos que lhe deram sentido: a circulação de homens, instituições, ideias e formas através de redes de conexões em perspectiva global; e a transculturação destas ideias, transliteradas em novo território, mediatizadas pelas possibilidades técnicas, sociais e econômicas da nova paisagem dos sertões brasileiros em formação. Diante escassez documental e bibliográfica, será necessário proceder a uma leitura acervo artístico-arquitetônico remanescente sob o viés da arqueologia da paisagem, decalcando-o em suas diversas interpretações enquanto fonte primária, documento arquitetônico físico, mediante abordagem de observação empírica, tomando-o como objeto vernáculo que traduziu predicados técnicos e simbólicos ressignificados a partir da visão de mundo do colonizador e da circulação de ideias em conexão global, sob uma perspectiva braudeliana da economia-mundo e da longa duração, lastreando-se a ideia de um sertão alargado à dimensão do mundo, em suas conexões transoceânicas e continentais. Numa abordagem tomada à Ginzburg, serão ainda trabalhadas fontes primárias pouco exploradas em estudos de arquitetura mas que se mostraram profícuas para a compreensão indireta dos processos sócio-culturais que viabilizaram a consolidação da cultura arquitetônica sertaneja: cartografia, espólios artísticos, inventários post-mortem e documentação indiciária, mormente processos inquisitoriais, que poderão revelar detalhes do cotidiano dos agentes produtores, bem como das condições e possibilidades logísticas do movimento das ideias e técnicas em rede global.

Palavras-chave: Arqueologia da Paisagem; Circulação de Ideias, Transculturação.

TÉCNICAS DE DOCUMENTAÇÃO, LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO: O CASO DO MUSEU PAULISTA DA USP

A tese tem por tema a análise crítica dos procedimentos de documentação, incluindo métodos variados de levantamento e diagnóstico do patrimônio edificado, tomando por objeto de estudos o edifício-monumento que abriga o Museu Paulista da USP. A comparação das técnicas e dos procedimentos já adotados é de suma importância para a compreensão de sua eficácia e de seus limites, tendo em vista o objetivo central de preservação do patrimônio. Enquanto processo crítico, a análise visa fornecer insumos para a historiografia enquanto fonte de esclarecimentos, a partir da indagação de documentos, da bibliografia e do próprio objeto empírico. Desde a sua interdição (2013) até o início das obras de recuperação (2019), o Museu Paulista passou por uma série de estudos que visavam subsidiar as escolhas tomadas para a sua reabertura (2022). A questão central abordada pela pesquisa se dá em torno das potencialidades desses procedimentos, a partir da análise e da comparação das técnicas de documentação, levantamento e diagnóstico adotadas, com o objetivo de discutir sua relevância enquanto etapas preliminares de intervenção em patrimônio edificado. Maior atenção é dada ao escaneamento a laser, método de aquisição de dados morfométricos de alta precisão, que tem sido empregado com maior frequência no campo do restauro, mas que deve ser criticamente avaliado e adotado com rigor. O caso do Museu Paulista é especialmente relevante pelo fato de terem sido executados três levantamentos desse tipo, cujos resultados diferem em termos quantitativos e qualitativos, o que permite uma análise aprofundada da técnica, suas etapas de execução e os requisitos para que os resultados sejam compatíveis com a acurácia desse tipo de tecnologia. De forma auxiliar à discussão proposta e à hipótese suscitada, outras experiências são abordadas pela pesquisa, justificando a documentação enquanto operação crítica e fundamental para subsidiar projetos de conservação e restauro do patrimônio edificado.

Palavras-chave: Documentação do patrimônio edificado; Levantamento métrico-arquitetônico; Museu Paulista da USP.

MESA 3 PATRIMÔNIO, DOCUMENTAÇÃO E MUSEOLOGIA**ELEONORA
BASCHERINI****Orientador**
Luciano Migliaccio**MUSEOLOGIA E DIDÁTICA DO PRIMEIRO MASP**

Desde sua criação, o MASP se destaca como um museu inovador, diferente de tudo que havia sido criado até então no País, e digno de menção também no panorama internacional. De acordo com o projeto museológico elaborado por Pietro M. Bardi, uma iniciativa específica ganhou particular ressonância dentro e fora do Brasil: a seção didática do museu que, no dia da abertura das portas da instituição na rua Sete de Abril, ocupava uma parte considerável do espaço expositivo. A função didática do MASP, que já foi muito estudada, é aqui novamente abordada numa visão mais ampla, colocada em relação com as experiências e interesses cultivados por Bardi nos anos anteriores à sua chegada no Brasil, assim como serão analisadas suas implicações e relações com os estudos de museologia debatidos internacionalmente no período. Será aprofundado também o papel do poeta e crítico Emilio Villa, cuja relevância fundamental nessa iniciativa ainda não foi desvendada. A exposição didática de arte, que ganhou continuação nos anos seguintes com outros ciclos expositivos, teve como objetivo final prioritário a criação de um gosto estético do público, a partir do qual poderia acontecer uma reformulação da sociedade. Esse conceito de arte como base estética e moral de uma sociedade é a premissa fundamental para muitas das futuras iniciativas do MASP, como a criação do IAC ou da revista Habitat, e representa o leitmotiv do percurso profissional de Bardi. A arte, que na visão do jornalista e marchand italiano não conhece mais barreira entre presente e passado, entre áulico e popular, entre artes maiores e artes menores, num princípio de unidade e continuidade, pode fazer muito para o homem e para isso precisa ser conhecida, estudada. Para o surgimento de um novo humanismo era indispensável a compreensão da arte e de suas formas.

Palavras-chave: Museologia; Didática; Exposição.

**KAUÊ FELIPE
PAIVA**

Orientadora
Beatriz Piccolotto
Siqueira Bueno

**MARLON RUBIO
LONGO**

Orientadora
Regina Maria
Prosperi Meyer

**PRESTES MAIA EM ESCALA TRANSNACIONAL:
A ARTICULAÇÃO MACRORREGIONAL DO
SEGUNDO PÓS-GUERRA E A ATUAÇÃO
DO URBANISTA**

Esta pesquisa investiga a atuação do urbanista Francisco Prestes Maia sob o ponto de vista da urbanização do território, do ideário e das práticas de planejamento regional e macro territorial. Procuramos explorar uma perspectiva biográfica do urbanista ainda não lida pela historiografia. Inúmeros são os trabalhos que se debruçaram sobre seus Planos de Melhoramentos e também para aqueles voltados a novas cidades novas, analisando-os individualmente e à escala intraurbana do urbanismo. Nosso trabalho analisa os planos de Prestes Maia para as cidades de São Paulo (1930), Campinas (1934), Panorama (1946) e Santos (1947), articulados entre si e a questões regionais e transnacionais. Tais correlações evidenciam a atuação profissional alargada do urbanista durante as décadas de 1930 e 1940, sua circulação em meios técnicos, políticos e institucionais, bem como sua inserção no processo de construção e institucionalização do planejamento urbano e, sobretudo, regional no Brasil, ainda na década de 1940. A nosso ver, esses planos, outrora entendidos como estanques e individualizados, articulam-se um ao outro e antecipam desdobramentos relacionados à formação da questão regional no país, apontada pela maior parte da historiografia brasileira como sendo firmada, no campo da história do urbanismo e do planejamento, a partir de 1950. Com esta pesquisa, também se pretende avaliar a atuação do urbanista como portador ou vetor de troca de saberes entre os Estados Unidos da América e o Brasil no segundo pós-guerra. Buscamos demonstrar que a troca por ele promovida repercute tanto em âmbito público, por meio de suas proposições projetuais, como no privado, através de iniciativas locais e também estrangeiras. Sua atuação, nesse sentido, evidencia sua visão da cidade e da urbanização também como negócio.

Palavras-chave: Prestes Maia; Urbanização; Planejamento Urbano, Planejamento Regional.

**PLANO, REDE E PROJETO URBANO:
PROPOSTAS DE REESTRUTURAÇÃO URBANA
E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO NA
METRÓPOLE DE SÃO PAULO**

A pesquisa investiga a inserção e a função do projeto urbano na escala do plano urbanístico, considerando a construção de ferramentas de intervenção na metrópole de São Paulo, sua articulação com as propostas de reestruturação urbana e a relevância da rede de mobilidade nessa equação. A hipótese da pesquisa é que ao longo do desenvolvimento do sistema de planejamento em São Paulo, verifica-se a transição do papel decisivo desempenhado pela rede de mobilidade no plano urbanístico para uma matriz instrumental e a constituição do que denominamos projeto-instrumento. Para tanto, foram analisados planos e projetos elaborados para a metrópole e para o município de São Paulo, desde a experiência pioneira da Emurb até os estudos do Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado pela Emplasa. A análise desse amplo arco temporal foi realizada em três eixos: a polinucleação como conceito de estrutura urbana, o vínculo entre uso do solo e mobilidade como estratégia de desenvolvimento e a intervenção como ferramenta de implementação. A análise permitiu identificar momentos-chave nos quais as relações entre o plano, o projeto e a rede sofreram importantes inflexões: a formulação das ferramentas de intervenção nas estruturas de planejamento (1973-1976); o ensaio do projeto-instrumento no plano (1983-1991); a desconexão da intervenção em relação à rede e ao plano (1995-2001); a rearticulação entre rede e projeto urbano (2002-2012) e a conversão das ferramentas de intervenção em uma matriz instrumental (2014-2018). O estudo demonstra que a consolidação do projeto-instrumento impôs ao urbanismo a difícil tarefa de elaborar propostas de reestruturação urbana por meio de uma sintaxe que absorve o componente locacional da rede, mas que não interfere no planejamento da infraestrutura, ainda que o arranjo espacial da mobilidade continue a ser fundamental para a transformação e a qualificação do território.

Palavras-chave: Reestruturação urbana; Projeto urbano; Rede de mobilidade.

**VANESSA FERNANDES
CORRÊA**

Orientador
José Tavares
Correia de Lira

**NEGOCIANDO O PRISMA PURO: O EMBATE
PELO EDIFÍCIO ALTO MODERNO EM SÃO PAULO
NOS ANOS DE 1940 E 1950**

A pesquisa de doutorado investiga a atuação municipal sobre a estética dos edifícios altos a partir da edição do Código Artur Saboya, em 1929, até a edição da Lei Anhaia, de 1957, quando o controle de gabaritos em relação à largura da rua e o escalonamento obrigatório a partir de certa altura são substituídos pelo coeficiente de aproveitamento. Pretende-se redigir o trabalho como uma história do controle do edifício alto na cidade de São Paulo até os anos 1950. A hipótese de trabalho é que a legislação que “solta” o edifício do lote foi o resultado de um processo que atravessou os anos de 1940 e 1950 e que pode ser “lido” nos trâmites de aprovação de edifícios altos no Departamento de Obras. A partir de meados da década de 1940 é possível notar, em processos de aprovação de edifícios como o CBI-Esplanada (Lucjan Korngold), Conde Prates (Giancarlo Palanti), Iporanga (Franz Help) e Triângulo (Oscar Niemeyer), que arquitetos passaram a solicitar exceções ao escalonamento obrigatório em busca do arranha-céu prismático. Até o momento, a partir de levantamento de bibliografia e pesquisa no Arquivo Geral de São Paulo, foi possível levantar onze casos em que o projeto protocolado para obtenção de alvará de construção na prefeitura busca o prisma puro. Esses projetos por vezes são aceitos pela prefeitura, apoiados por análises dos técnicos do Departamento de Obras, e levados com argumentações favoráveis até o prefeito, ainda que se tratasse de infrações ao Código de Obras e normas complementares vigentes. Enquanto a legislação paulistana que impunha os recuos progressivos permitia o projeto de edifícios coerentes com a linguagem art déco, ela se tornou um entrave para a produção da linguagem do movimento moderno para o edifício alto: o prisma puro.

Palavras-chave: Edifício Alto; Código De Obras; Arquitetura Moderna.

MESA 5 GÊNERO, PRÁTICAS SOCIAIS E CULTURA MATERIAL

**PEDRO BERESIN
SCHLEDER
FERREIRA**

Orientadora
Ana Lucia Duarte
Lanna

**CLARISSA DE
ALMEIDA PAULILLO**

Orientadora
Joana Mello de
Carvalho e Silva

A CASA DO “HOMEM DE BEM”: MASCULINIDADE, “CIVILIZAÇÃO” E DOMESTICIDADE (1870-1920)

“Lar, doce, lar”. Todos conhecemos a máxima açucarada com a qual a burguesia europeia imantou o espaço doméstico e familiar no século XIX, projetando na esfera doméstica um imaginário de intimidade, conforto e tranquilidade. Nas cidades brasileiras da segunda metade do século XIX, ao mesmo tempo em que esse imaginário de privacidade e harmonia se difundia entre as classes médias e altas, a casa, a família, os desejos, sentimentos e anseios de homens, mulheres e crianças desses mesmos segmentos se tornavam um assunto de grande magnitude na esfera pública. Amplamente debatidos, investigados e normatizados nas teses das Faculdades de Medicina, nos jornais e revistas, na literatura, nas grades curriculares das escolas públicas e privadas e em livros preceptivos para homens e mulheres de todas as idades, a casa e seus moradores se tornavam uma temática altamente politizada. Por meio desses novos dispositivos de saber-poder, os educadores da nação – intelectuais, médicos, políticos, moralistas etc. – ambicionavam penetrar nas mais recônditas esferas da intimidade, nas redobras mais sutis do cotidiano, para reger, normatizar e disciplinar os domínios visíveis da vida – como a rotina, a ordem espacial, a disciplina, a produtividade – mas também seus domínios internos e invisíveis – prazeres, sexualidade, desejos, imaginação, sentimentos e aspirações. Nesse contexto, a domesticidade emergia como um ponto estratégico para a intervenção, o controle e a formação do corpo, da moralidade, dos desejos e aspirações dos indivíduos.

Partindo de livros e textos dedicados à formação e educação masculina, a pesquisa tem como objetivo investigar como discursos e normativas em torno da masculinidade, da branquitude e da domesticidade foram articuladas pelas elites políticas e intelectuais brasileiras para a produção de indivíduos disciplinados e moralizados, “homens de bem”, unidade fundamental pela qual idealizavam o processo de “civilização” da nação brasileira.

Palavras-chave: Domesticidade; Masculinidade; Cultura Material.

CUIDAR, SERVIR E APARTAR: OS ESPAÇOS DE SERVIÇOS NOS PROJETOS DE HABITAÇÃO COLETIVA EM SÃO PAULO (1930-1970)

Como os espaços de serviços são pensados nas habitações modernas brasileiras? Como eles podem refletir e conformar concepções hegemônicas sobre papéis de gênero, trabalho doméstico e relações servis? A partir dessas indagações, a presente pesquisa investiga a configuração do chamado “setor de serviços” das habitações coletivas da cidade de São Paulo, tendo como base os projetos de produção privada publicados na revista Acrópole (1938-1971). Entende-se que boa parte desses projetos segue os preceitos modernos dos debates arquitetônicos do período, ao mesmo tempo que se alinha aos interesses dos investidores imobiliários e revela formatos idealizados de morar – sobretudo aqueles ligados aos segmentos médios urbanos, grande público potencial dos edifícios verticalizados. Em vista disso, a pesquisa analisa como questões técnico-funcionais do projeto se articulam a modelos ideais de domesticidade, indicando a correspondência entre a visão do campo profissional da arquitetura, do mercado imobiliário e da sociedade sobre diferentes aspectos da vida doméstica – entre eles a forma de operação do trabalho reprodutivo e as relações de gênero, classe e raça nele implicadas. O trabalho segue as abordagens dos estudos de gênero, domesticidade e cultura material, mobilizando, além de projetos arquitetônicos, outras fontes documentais que manifestam o cotidiano do trabalho doméstico, como manuais femininos e de economia doméstica, anúncios publicitários e artigos de periódicos. Neles prioriza-se o exame das atividades de lavanderia e seus espaços (comumente chamados nos projetos de “terraço” ou “área” de serviço), observando os artefatos, as práticas e os saberes, além dos próprios sujeitos envolvidos nas atribuições de cuidado com a roupa.

De forma articulada à análise dos espaços, propõe-se então discutir os valores sociais associados a esse tipo de atividade, iluminando suas relações de trabalho e a constituição de identidades e posições de poder de diferentes grupos de mulheres.

Palavras-chave: Habitação (edifícios verticalizados); Trabalho doméstico; Gênero.

**STEPHANIE SILVEIRA
GUERRA DE ANDRADE**

Orientador
Renato Cymbalista

**CIDADE, MODA E TRABALHO FEMININO:
COSTUREIRAS EM SÃO PAULO A PARTIR
DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

Em entrevistas realizadas durante a pesquisa de Mestrado *Indústria e Comércio de Moda em São Paulo: Rua José Paulino (1928-1980)* (FAUUSP, 2018), eram frequentes as menções a costureiras residentes na Casa Verde que trabalhavam para as confecções da rua. Posteriormente, obteve-se contato com o conjunto de documentos de uma malharia sediada no Bom Retiro durante a segunda metade do século XX. O início da catalogação dos registros de empregadas da malharia, nos quais constam os endereços residenciais das funcionárias, confirmou a tendência de concentração de moradias de costureiras no distrito da Casa Verde e em alguns de seus bairros (Parque Peruche, Vila Baruel, Vila Espanhola, entre outros). Diante de tais evidências, elaborou-se um projeto de pesquisa a fim de investigar quem eram essas costureiras que moravam na Casa Verde e trabalhavam no Bom Retiro. Iniciado o Doutorado, foi dada continuidade ao trabalho de catalogação do acervo documental da malharia e novas entrevistas foram realizadas, dessa vez com as próprias costureiras. As entrevistas dão acesso a histórias de vida que se misturam com a história da cidade, o que permite que se pesquise territórios específicos, como Bom Retiro e Casa Verde, a partir de pontos de vista pouco explorados. Além disso, as trajetórias das costureiras mostram singularidades e similaridades das experiências urbanas de mulheres trabalhadoras, com destaque para as questões de deslocamento e mobilidade. As trajetórias também fazem referência a diferentes problemáticas do processo de metropolização de São Paulo, como a expansão da mancha urbana; o surgimento dos subúrbios e das primeiras periferias; a constituição de territórios negros; o surgimento de novas periferias mais distantes do centro; e a importância da casa própria nos projetos individuais e familiares. No seminário, será apresentado o estado atual da pesquisa, com as fontes reunidas até o momento e o início da redação dos capítulos.

Palavras-chave: Costureiras; São Paulo; Experiência urbana.

**GUSTAVO
DE ALMEIDA
SAMPAIO**

Orientadora
Maria Lucia
Bressan Pinheiro

VICTOR PRÓSPERO

Orientador
José Tavares
Correia de Lira

MODERNISMO, POLÍTICA E PROPAGANDA – AS ARQUITETURAS DAS EXPOSIÇÕES NACIONAIS FASCISTAS E GETULISTAS

Por serem espaços curatorialmente organizados, eventos expositivos atuam como materializações de uma visão de mundo que se quer difundir e promover. Devido a esse caráter, grandes exposições nacionais passaram a ser promovidas, tanto pelo Fascismo como pelo Getulismo, como meio de divulgação política e ideológica. Esses governos utilizaram-se, ou viram a execução em seus territórios, de mostras com o intuito de mobilização social nos conturbados anos do entreguerras. Nesse mesmo período, o campo arquitetônico italiano e brasileiro também passava por agitações devido à regulamentação da profissão, ao número expressivo de obras públicas e à maior presença do vocábulo modernista. Tais fatos se fizeram materialmente presentes, em diferentes maneiras, nos eventos nacionais executados por Mussolini e por Getúlio Vargas. A pesquisa inicia-se pela *Mostra della Rivoluzione Fascista* (1932), que foi o principal evento expositivo do regime fascista e uma das primeiras obras vinculadas ao Racionalismo Italiano. Posteriormente, são resgatadas as exposições, *La Mostra Augustea della Romanità* (1937) e a *Mostra Italiana d'Oltremare* (1941), que demonstraram, em suas feições, a emergência do discurso imperialista de Mussolini (1936), a implementação da política da Autarquia Econômica (1939) e a dominância do modernismo monumental do *Novecento*. No Brasil, o primeiro evento é o Centenário de Farroupilha (POA-1935), considerado um dos principais exemplos do emprego do Art Déco em território nacional. A próxima é a Grande Exposição do Comemorativa do Cinquentenário da Imigração Italiana ao Estado de São Paulo (SP-1937), que, além de seguir com o vocábulo arquitetônico de sua antecessora, contou com um pavilhão edificado pelo Fascismo. Por último, são exibidas a Exposição do Estado Novo (RJ-1937) e a Grande Exposição de Pernambuco (1939), que foram importantes palcos de promoção política. O contato com esses eventos demonstra tanto os embates de sua época como os modernismos que compunham a Arquitetura Moderna no entreguerras.

Palavras-chave: Exposições Nacionais; Arquitetura Moderna; Fascismo e Getulismo.

ARQUITETURA E DITADURA: O CAMPO DA ARQUITETURA EM SÃO PAULO NA CONSTRUÇÃO DO REGIME MILITAR (1964-1979)

Se a chamada “arquitetura paulista” emergiu como identidade reconhecível no início dos anos 1960, ela se sedimentou e difundiu sobretudo durante a ditadura militar brasileira (1964-1985). Esta pesquisa busca compreender os vínculos e conflitos entre a estética e a política, bem como os impasses do campo profissional nesse período. Importantes nuances e deslocamentos aparecem quando superamos a abordagem da ditadura como simples pano de fundo, ou a partir de narrativas ancoradas somente na memória social construída pelos próprios atores do período, ou ainda os compreendendo a partir da dualidade resistência-colaboração. Convém, portanto, olhar para a complexidade desse momento histórico através das diferentes formas de intervenção, resposta, adaptação, inserção ou acomodação que arquitetos encontraram frente a um contexto de intensa repressão combinada a um crescimento econômico e da construção civil sem precedentes.

Narrativas correntes costumam abordar o golpe civil-militar de 1964 como marco de interrupção para uma arquitetura que se afirmava. As duas décadas seguintes, no entanto, parecem demonstrar o contrário, seja pela permanência e difusão dos procedimentos técnicos e estéticos que se consolidaram no início daquela década, seja pelo salto quantitativo nas encomendas que acabaram por mobilizar esse saber-fazer. Se é certo que as expectativas de transformação social que acompanhavam a nova estética de fato saíram de cena, também podemos afirmar que – com base em autoritarismo e aumento das desigualdades – o “desenvolvimento das forças produtivas” só se intensificou. Os projetos de racionalização e planejamento dos arquitetos de alguma forma se realizavam, expondo contradições inerentes às apostas de modernização que os animavam. Para além de constatar ou denunciar um quadro contraditório, propõe-se aqui ler as ambivalências nas realizações concretas do período, entre encomendas públicas e privadas – sindicatos, quartéis, clubes, terminais, barragens, sedes administrativas, agências bancárias, torres de escritórios – que mobilizaram essa estética particular e, com ela, um aparato simbólico em disputa.

Palavras-chave: Arquitetura Paulista ; Ditadura Militar ; Arquitetura Moderna Brasileira.

MESA 6 HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E POLÍTICAS EM SEUS TEMPOS

EDUARDO VERRI LOPESOrientadora
Nilce Cristina
Aravecchia-Botas**MICHEL HOOG CHAU
DO VALE**Orientadora
Nilce Cristina
Aravecchia-Botas**MORADIA INCREMENTAL E HISTORIOGRAFIA
DA ARQUITETURA NA AMÉRICA LATINA**

A pesquisa propõe investigar as aplicações do procedimento de projeto incremental em projetos de habitação na América Latina. Adota-se como ponto de partida o evento do Proyecto Experimental de Vivienda, PREVI, ocorrido em Lima nos anos 1960, entendendo-o como condensador geográfico e temporal não apenas de arquitetos provenientes de distintos lugares, assim como de diferentes ideias e posturas sobre o papel da indústria, da autoconstrução, da participação do usuário, do papel do Estado, da informalidade, e da própria faculdade de planejar e projetar – essa que é uma questão central para a prática da Arquitetura e do Urbanismo. Considerando que o procedimento incremental atravessou as primeiras experiências do Movimento Moderno, mas também os momentos de crítica a esse próprio movimento, a partir do entendimento dessa complexidade, a pesquisa realiza a leitura de outros processos e projetos semelhantes para compreender a construção do cânone da arquitetura durante o século XX e, incorporando as discussões de outros campos, suas relações com os movimentos globais e disputas econômicas, geopolíticas e ideológicas, entendendo que a América Latina é lugar chave para entender esse movimento. Pretende-se assim contribuir com a renovação dos termos da crítica arquitetônica, e elucidar de que maneira as operações historiográficas atuam para manter assimetrias geopolíticas e reafirmar hegemonias no campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo.

Palavras-chave: PREVI/Lima; Habitação progressiva; Crítica arquitetônica.

**ARQUITETURA, EDUCAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO:
CIEPS E FÁBRICA DE ESCOLAS, RESCALDO DO
PROJETO DESENVOLVIMENTISTA BRASILEIRO**

A pesquisa trata de algumas temáticas-chave nos desdobramentos da ideia de modernização do Brasil, no cruzamento de políticas de produção arquitetônica e educação nos anos 1980. Propõe-se analisar algumas trajetórias individuais que concorreram para a materialização de ações na 1ª gestão (1983-87) do Governador Leonel Brizola no Rio de Janeiro e os seus resultados. Esses projetos de infraestrutura e edificações públicas expressaram a presença do Estado em áreas de baixa renda, especificamente através do Programa Especial de Educação, coordenado pelo vice-governador e secretário de educação, Darcy Ribeiro. Tais projetos foram concebidos por Oscar Niemeyer (1907-2012), especificamente os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), e por João Filgueiras Lima, no caso de outras edificações produzidas em sua Fábrica de Escolas. Tais ações, fruto de um programa político de bases ideológicas de esquerda, parecem se constituir de pilares complementares: a afirmação da presença do Estado baseada nos Direitos Humanos e no enfrentamento das desigualdades sociais; e a constituição de um campo de pesquisa e produção arquitetônica endógeno, voltado para as demandas nacionais e encampado pela estrutura estatal.

A pesquisa visa descortinar relações entre essas ações políticas – checando seus fundamentos em argumentos socioeconômicos do desenvolvimentismo, da afirmação nacional e do alargamento da presença do Estado no sentido da elevação dos níveis de reprodução social – e o campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo. Tal processo será examinado em perspectiva histórica, nas conexões com as discussões e experiências que constituíram o pensamento nacional-desenvolvimentista nos anos 1930-60, recuperando trajetórias localizadas nas duas gerações que abrangeram tal período e os anos 1970-80. Propõe-se analisar em que medida essa arquitetura do programa escolar esteve relacionada aos agentes da política e do aparato estatal e ao campo de disputa de políticas hegemônicas no país, nas recorrentes tentativas de travessia da dependência à autonomia pelo desenvolvimento econômico e social.

Palavras-chave: Arquitetura escolar; desenvolvimentismo; Rio de Janeiro



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR CARLOS GILBERTO CARLOTTI JUNIOR

VICE-REITORA MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

PRÓ-REITOR PAULO ALBERTO NUSSENZVEIG

PRÓ-REITOR [PRO TEMPORE] ADENILSO DA SILVA SIMÃO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

DIRETOR JOÃO SETTE WHITAKER FERREIRA

VICE-DIRETOR GUILHERME TEIXEIRA WISNIK

JUNHO 2023

Impressão digital

Laboratório de Programação Gráfica da Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da USP

Papel

Pólen Soft 240g/m²

Pólen Soft 75g/m²

Tiragem

250 exemplares

Fonte

Univers

Lygia

Design gráfico

Leandro Leão

Distribuição Gratuita

